

1 em 4 mulheres é estuprada em zona mineradora na África do Sul, diz MSF

(G1, 16/08/2016) Médico sem Fronteiras diz que resultados são 'chocantes, mas não são raros'. Só 5% das mulheres estupradas procuraram centro de cuidados, diz estudo.

Uma em cada quatro mulheres residentes no chamado "cinturão de platina", zona de mineração no norte da África do Sul, foi estuprada em algum momento da vida, revela um estudo da organização Médicos Sem Fronteiras (MSF) publicado nesta terça-feira (16).

No final de 2015, a MSF realizou uma pesquisa de dois meses em que entrevistou 800 mulheres entre 18 e 49 anos da região de Rustenburg, noroeste de Johannesburgo.

"Nesta investigação descobrimos que uma mulher em cada quatro havia sido estuprada em Rustenburg", resume à agência France Presse Garret Barnwell da MSF.

"O que nos marcou realmente foi a frequência: pode-se dizer que aproximadamente 11.000 mulheres são vítimas (de estupro) por ano", afirma.

"Para muitas mulheres, a violência sexual se transformou em parte integrante de sua vida cotidiana. A violência, é sua rotina", explica Rosina Palai, uma trabalhadora sanitária citada no relatório.

Os resultados da pesquisa são "chocantes, mas não são raros", em um país onde o estupro está amplamente disseminado", analisa a MSF.

Atendimento

O documento mostra também que somente 5% das mulheres estupradas procuraram em seguida um centro de cuidados. Essa baixa porcentagem se explica em parte pela vergonha, segundo Barnwell, mas também porque as

mulheres têm dificuldade de confiar na equipe médica.

“Aqueles que sobreviveram à violência sexual, enfrentam outros obstáculos para curar-se: a rejeição da comunidade também tem um papel importante, e há poucas possibilidades de acesso a centros de cuidados bem equipados e especializados em violência sexual”, afirma o relatório.

Só a metade das mulheres entrevistadas sabiam que a contaminação pelo vírus da aids pode ser evitada com o acesso a um tratamento anti-HIV logo após o estupro.

Estima-se que na África do Sul, 6,2 milhões de pessoas vivam com o HIV, o que corresponde a 11,2% da população.

Acesse no site de origem: [1 em 4 mulheres é estuprada em zona mineradora na África do Sul, diz MSF \(G1, 16/08/2016\)](#)

Aids 2016: Discursos contra machismo, racismo e LGBTfobia dão tom político à abertura da Conferência Internacional de Aids, em Durban

(Agência Aids, 18/07/2016) Começou nesta segunda-feira (18), a Conferência Internacional de Aids, pela segunda vez sendo realizada em Durban, na África do Sul - a primeira foi em 2000. O maior evento de saúde do mundo reunirá esta semana 18 mil pessoas entre pesquisadores, políticos e ativistas.

O neto de Nelson Mandela, Kweku Mandela, abriu a cerimônia dizendo que

hoje seu avô faria 98 anos. “Há 16 anos, nessa mesma conferência, meu avô subiu nesse palco para defender nossos direitos.”

Leia mais: [Autoridades e especialistas alertam para recuos na luta contra Aids \(O Globo, 18/07/2016\)](#)

Michel Sidibé, coordenador do Unaid (Programa Conjunto das Nações Unidas em HIV/Aids), foi cauteloso. “Estamos vivendo tempos difíceis. O financiamento mundial está diminuindo. E se isso continuar, temo que não conseguiremos vencer a epidemia.”



Na foto, Nkhensani Mavasa, Michel Sidibé, Charlize Teron, Steve Letsike, Olive Shisana e Chris Beyrer

O representante do Unaid anunciou novas metas, se comprometendo a um reforço nos sistemas de saúde, com treinamento de 1 milhão de agentes comunitários da área, na África. E enfatizou: “não será aceita discriminação de profissionais de saúde com HIV”, ao que a plateia respondeu com entusiasmo.

Sidibé defendeu o direito das meninas e mulheres sul-africanas ao remédio de uso contínuo que previne o HIV - a profilaxia pré-exposição (PrEP) - que ainda não está disponível na África do Sul e sequer foi aprovado no Brasil. “A ciência será disponibilizada para elas, que não podem mais depender dos homens para se prevenir”, completou Sidibé.

Atriz Charlize Theron é reconhecida como líder e ovacionada

A atriz sul-africana vencedora do Oscar Charlize Theron, embaixadora da paz das Nações Unidas, fez um discurso emocionado: “Não é uma honra hospedar essa conferência pela segunda vez, e espero que nunca mais a hospedemos. Temos todos os meios para prevenir o HIV e a razão pela qual não o fazemos é que alguns valem mais do que outros”.

Theron subiu o tom ao dizer: “O HIV não é só transmitido por sexo, mas por sexismo, racismo, pobreza e homofobia. Não é o vírus que escolhe suas vítimas preferenciais. Somos nós”. Ela foi ovacionada.

O arcebispo Desmond Tutu, prêmio Nobel da Paz, que não veio à conferência mas gravou seu discurso em vídeo, disse que os pobres estão arcando com as consequências da crise gerada pelos ricos do Norte. O vídeo foi interrompido no meio por problemas técnicos.

Chris Beyrer, presidente da International Aids Society, elogiou a qualidade científica da conferência e o fato de que houve a primeira pré-conferência de pessoas transgênero.

Beyrer chamou ao palco a sul-africana Olive Shisana, co-presidente do evento, e fez um apelo para a união das lutas LGBT e feminista: “Como um homem gay, faço um apelo para que nós, gays, unamos nossa luta à da igualdade de gênero das mulheres e meninas”. Ao que Shishana respondeu: “Nossa luta é uma só e nossa vulnerabilidade é a mesma. Espero que esse evento ajude a nos aproximar”.

Nkhensani Mavasa, coordenadora do movimento Treatment Action Campaign (TAC) cujos ativistas se identificam com camisetas escrito “HIV positivo”, criticou as autoridades. “Os remédios estão faltando nos postos de saúde. Vinte milhões de pessoas ainda não recebem tratamento. Não queremos

somente palavras, mas um plano objetivo, com orçamento e vontade política”.

Os ativistas da TAC aproveitaram um momento de falha do microfone para se manifestar com cartazes e com a típica dança e canto de protesto sul-africano, o toyi-toying. Eles tinham feito uma manifestação durante a manhã no centro de Durban, com cerca de quatro mil pessoas.

Profissionais do sexo também fizeram contínuo protesto contra o seu silenciamento, exibindo um grande relógio que contava o tempo que se passava desde a última menção a categoria.

Prêmio para ativista LGBT e HIV do Zimbábue

A atriz Charlize Theron entregou o prêmio Elizabeth Taylor de Direitos Humanos em HIV para a ativista Martha Tholanah, defensora dos direitos LGBT e das pessoas com HIV no Zimbábue. Martha tem em sua história a violência nas mãos dos soldados do Exército de Liberação do Zimbábue. Martha foi responsável por garantir que o plano nacional contra aids do Zimbábue incluísse as populações LGBT. O nome do prêmio homenageia a atriz americana, reconhecida por sua luta pelo acesso a pesquisa e tratamento no começo da epidemia.

Primeira conferência de Durban como marco histórico

A primeira conferência sobre aids em Durban, no ano 2000, inédita até então em um país em desenvolvimento, é considerada um dos mais importantes marcos da história da saúde global. Na época, o coquetel que tornou a aids uma doença tratável era recente - tinha sido apresentado na conferência de Vancouver quatro anos antes.

Como efeito do coquetel, a mortalidade caiu rapidamente nos Estados Unidos, enquanto que, na África, a epidemia se tornava devastadora. Autoridades e cientistas eram céticos quanto a oferecer ao continente os remédios, que custavam mais de 10 mil dólares ao ano, e defendiam que os investimentos deveriam se limitar a prevenção.

A injustiça social ligada à doença se tornou patente, e foi em Durban que a mobilização por fundos internacionais e a discussão de barateamento de

remédios e saúde global como direito ganhou força.

No entanto, a África do Sul não aderiu ao movimento. Como foi lembrado ao longo da abertura, o país inicialmente adotou uma postura de veemente negação da epidemia. A distribuição de medicamentos começou mais de dez anos depois do Brasil, o que contribuiu muito para a transmissão. A política negacionista, segundo estudos, custou mais de 300 mil vidas.

Atualmente, a África do Sul trata mais de três milhões de pessoas e a expectativa de vida da população como um todo subiu mais de 10 anos em relação à era pré-tratamento.

A África do Sul é o país com maior número de pessoas com HIV no mundo. A infecção atinge 6,3 milhões de pessoas. Um total de 19% da população adulta vive com o vírus.

Prêmio para ativista LGBT e HIV do Zimbábue

A atriz Charlize Theron entregou o prêmio Elizabeth Taylor de Direitos Humanos em HIV para a ativista Martha Tholanah, defensora dos direitos LGBT e das pessoas com HIV no Zimbábue. Martha tem em sua história a violência nas mãos dos soldados do Exército de Libertação do Zimbábue. Martha foi responsável por garantir que o plano nacional contra aids do Zimbábue incluísse as populações LGBT. O nome do prêmio homenageia a atriz americana, reconhecida por sua luta pelo acesso a pesquisa e tratamento no começo da epidemia.

Primeira conferência de Durban como marco histórico

A primeira conferência sobre aids em Durban, no ano 2000, inédita até então em um país em desenvolvimento, é considerada um dos mais importantes marcos da história da saúde global. Na época, o coquetel que tornou a aids uma doença tratável era recente - tinha sido apresentado na conferência de Vancouver quatro anos antes.

Como efeito do coquetel, a mortalidade caiu rapidamente nos Estados Unidos, enquanto que, na África, a epidemia se tornava devastadora. Autoridades e cientistas eram céticos quanto a oferecer ao continente os

remédios, que custavam mais de 10 mil dólares ao ano, e defendiam que os investimentos deveriam se limitar a prevenção.

A injustiça social ligada à doença se tornou patente, e foi em Durban que a mobilização por fundos internacionais e a discussão de barateamento de remédios e saúde global como direito ganhou força.

No entanto, a África do Sul não aderiu ao movimento. Como foi lembrado ao longo da abertura, o país inicialmente adotou uma postura de veemente negação da epidemia. A distribuição de medicamentos começou mais de dez anos depois do Brasil, o que contribuiu muito para a transmissão. A política negacionista, segundo estudos, custou mais de 300 mil vidas.

Atualmente, a África do Sul trata mais de três milhões de pessoas e a expectativa de vida da população como um todo subiu mais de 10 anos em relação à era pré-tratamento.

A África do Sul é o país com maior número de pessoas com HIV no mundo. A infecção atinge 6,3 milhões de pessoas. Um total de 19% da população adulta vive com o vírus.

Acesse no site de origem: [Aids 2016: Discursos contra machismo, racismo e LGBTfobia dão tom político à abertura da Conferência Internacional de Aids, em Durban \(Agência Aids, 18/07/2016\)](#)

Pistorius paga fiança de R\$ 2,6 mil e aguarda julgamento em prisão domiciliar

(ESPN, 08/12/2015) O campeão paralímpico Oscar Pistorius pagou fiança nesta terça-feira e aguarda o julgamento em prisão domiciliar depois de ter

sido condenado pelo assassinato de sua namorada Reeve Steenkamp. Seus advogados disseram que iriam apelar no Tribunal Constitucional da África do Sul. “O caso está adiado até 16 de abril de 2016. O requerente foi liberado após o pagamento da fiança de 10 mil rands (U\$ 690 dólares - R\$ 2.593, na conversão atual)”, disse o presidente da Alta Corte de Pretória, Aubrey Ledwaba.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Pistorius paga fiança de R\\$ 2,6 mil e aguarda julgamento em prisão domiciliar \(ESPN, 08/12/2015\)](#)

Tribunal de apelação condena Oscar Pistorius por assassinato

(G1, 03/12/2015) A mais alta Corte de Apelações da África do Sul determinou nesta quinta-feira (3) que a condenação do atleta paraolímpico Oscar Pistorius pela morte de sua namorada em 2013 seja elevada para assassinato. Pistorius foi condenado inicialmente por homicídio culposo por ter matado Reeve Steenkamp em sua casa. A mudança na condenação pode resultar em uma pena de pelo menos 15 anos de prisão.

Leia mais: [Justiça revê sentença, e Pistorius é culpado por assassinato; pena mínima é de 15 anos \(ESPN, 03/12/2015\)](#)

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Tribunal de apelação condena Oscar Pistorius por assassinato \(G1, 03/12/2015\)](#)

Mortalidade materna cai apenas 1,7% no País

(O Estado de S. Paulo, 30/06/2014) O Brasil é o quarto país mais lento na redução da mortalidade materna, segundo relatório coordenado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e divulgado hoje na África do Sul. O trabalho foi feito com base na análise das taxas entre 2000 e 2013 de 75 países participantes do Objetivos do Milênio.

No período, o Brasil teve um desempenho equivalente ao de Madagascar, com queda anual média de 1,7% na taxa de mortalidade materna. A marca está bem abaixo da média de todo o grupo, que foi de 3,1% ao ano.

Em 2013, a taxa de brasileiras que morreram na gestação, no parto ou em decorrência de suas complicações foi equivalente a 69 a cada 100 mil nascimentos. Isso representa quase o dobro da meta assumida nos Objetivos do Milênio - chegar em 2015 com, no máximo, 35 mortes a cada 100 mil nascimentos. O Brasil já assumiu que não vai conseguir atingir a marca. O País, porém, não está sozinho.

Preparado pela Parceria para a Saúde Materna, de Recém-Nascidos e Crianças (PMNCH), grupo formado por mais de 560 organizações, o relatório mostra que poucos países vão atingir o compromisso de redução de mortalidade relacionadas à gravidez e ao parto. Do total, apenas 11 conseguiram diminuir a taxa a um ritmo de pelo menos 5,5% por ano.

Para dar dimensão do que isso significa, o risco de uma mulher morrer nos países avaliados por causas relacionadas ao parto e à gestação é de 1 para 66. Nos países com alto desenvolvimento, o risco é de 1 para 3,4 mil.

Novas estratégias. O relatório, divulgado no início do Fórum do PMNCH, em Johannesburg, alerta sobre a necessidade de se definir estratégias que acelerem avanços nas saúdes materna, infantil e neonatal.

“Precisamos renovar e redobrar nossos esforços em áreas-chave, onde o progresso vem sendo menor”, dizem os autores do documento. Eles reforçam

a necessidade de se evitar que, esgotado o prazo definido nos Objetivos do Milênio, o ânimo para se alcançar as metas diminua. A mensagem é: o trabalho está inacabado, mas os objetivos são possíveis de serem alcançados. “O fim de 2015 vai inaugurar uma nova era da saúde global.”

Entre os pontos considerados essenciais pelos autores do trabalho estão a melhoria do acesso a métodos contraceptivos, fundamentais para garantir o planejamento familiar; a garantia da assistência, feita com profissionais preparados e equipados adequadamente, tanto na gestação quanto nas fases pré e pós-parto; a redução de índices de doenças como diarreia e pneumonia e o combate a altos índices de desnutrição.

A JORNALISTA VIAJOU A CONVITE DO FÓRUM DA PARCERIA PARA A SAÚDE MATERNA, DE RECÉM-NASCIDOS E CRIANÇAS (PMNCH) .

Acesse o PDF: [Mortalidade materna cai apenas 1,7% no País](#)

Estrelas se unem contra o racismo

(O Globo, 10/06/2014) Uma inédita mobilização contra o preconceito marca a Copa 2014, antes mesmo de a bola rolar. Multiplicam-se as campanhas contra o racismo, numa escala a que nem a África do Sul de Nelson Mandela — onde o apartheid imperou por mais de quatro décadas — assistiu quatro anos atrás. Além da Fifa, a CBF, o governo federal e até o Estado do Rio criaram ações pregando igualdade. De olho na visibilidade do torneio, acompanhado por três bilhões de espectadores no planeta, a sociedade civil também se desdobra em iniciativas.

Na semana passada, um grupo de artistas brasileiros encheu o Teatro Carlos Gomes, no Centro do Rio, para o lançamento do videoclipe “Vem vencer”. No filme de seis minutos e meio, nomes como Chico Buarque, Gilberto Gil, Ivan Lins e Elza Soares dão voz à composição dos parceiros Mombaça e Mu Chebabi.

O formato lembra históricas gravações solidárias dos anos 1980. Ninguém esquece de “We are the world”, que cantores estrangeiros gravaram em prol da Etiópia, e “Chega de mágoa”, de artistas brasileiros para os flagelados da seca do Nordeste. Na versão século XXI, a letra-manifesto convoca os brasileiros a vencerem preconceitos “de raça, de cor, imundos”. A Sony Music encampou a iniciativa e vai lançar mundialmente clipe e single nesta sexta, com direito a ringtones de celular, conta Mombaça, idealizador da campanha.

Neymar e Marta, engajados

Em São Paulo, hoje, três ONGs ligadas aos direitos humanos apresentam a campanha “Linha de frente”. São vídeos com histórias de 11 brasileiros que vivem sob ameaça, por defenderem indígenas, vítimas da violência policial, LGBTs, quilombolas. Justiça Global, Terra de Direitos e Front Line Defenders querem aproveitar a Copa para denunciar violações no país.

Neymar, camisa 10 da seleção de Felipão, e Marta, cinco vezes ganhadora do prêmio de melhor jogadora do mundo da Fifa, participaram do vídeo “Proud to play” (algo como “Orgulho de jogar”), contra a homofobia nos esportes. Gravaram mensagens em português pela igualdade. O vídeo de dois minutos, em poucos dias, bateu 4,4 milhões de visualizações no YouTube.

Foram as sucessivas manifestações racistas em estádios europeus e sul-americanos (Brasil, inclusive) nos meses que antecederam o Mundial o estopim das campanhas antidiscriminação. O pontapé inicial foi o #somostodosmacacos, que Neymar divulgou no Twitter junto com uma foto dele e do filho, Davi Lucca, segurando bananas.

A campanha viral, detonada depois que Daniel Alves, jogador da seleção e do Barcelona, comeu uma banana atirada em campo por um torcedor do espanhol Villarreal, contaminou jogadores e celebridades mundo afora. Mas

perdeu força com críticas de ativistas à associação dos negros com macacos, ofensa que atravessa gerações.

Na estreia do Brasileirão, a CBF apresentou filme e marca da ação “Somos iguais”, que condena toda forma de preconceito. Tinga, do Cruzeiro, e Arouca, do Santos, abrem o vídeo. O primeiro ouviu ofensas racistas, em fevereiro, no jogo contra o Real Garcilaso, do Peru, pela Libertadores da América. Arouca foi chamado de macaco pela torcida do Mogi Mirim, pelo Campeonato Paulista 2014.

O árbitro Márcio Chagas da Silva, após uma partida de Esportivo e Veranópolis pelo título gaúcho, em março, encontrou o carro danificado e com bananas. Antes disso, durante o jogo, fora xingado de macaco. O Veranópolis, punido pelo Tribunal de Justiça Desportiva do Rio Grande do Sul, acabou rebaixado para a segunda divisão local.

‘Say no to racism’, pede Fifa

A Fifa levou para as redes sociais a ação “Say no to racism” (“Diga não ao racismo”), aquela que costuma entrar em campo com os jogadores de seleções em partidas oficiais. A campanha existe desde 2002. Agora, atletas, árbitros, celebridades e internautas estão sendo convidados a postar fotos com a frase.

Nos últimos dias, a entidade divulgou pelo Twitter imagens de Dante, David Luiz, Neymar e Zico, ídolo maior do Flamengo. O artista plástico Romero Britto está no cartaz da ação. As fotos serão exibidas em estádios, nos jogos das quartas de final da Copa 2014.

A entidade também promete medidas mais severas contra manifestações de racismo nas arenas de futebol. No ano passado, Jeffrey Webb foi nomeado presidente da Força-tarefa da Fifa contra a Discriminação. Do último congresso, saiu resolução que prevê novas sanções aos clubes envolvidos em episódios de discriminação racial. As punições irão da perda de pontos à expulsão de competições e ao rebaixamento.

Torcidas organizadas também convocadas

O governo brasileiro pôs no ar anúncio da campanha “Copa sem racismo”. O filme, com imagens de torcedores de diferentes tons de pele, ensina que “quem ama o futebol não tolera discriminação”. A presidente Dilma Rousseff também tem se manifestado nas redes sociais sobre o assunto e chegou ao pedir ao papa Francisco uma mensagem pela paz e contra o preconceito para ser exibida durante o Mundial.

Até mesmo torcidas organizadas de Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco foram convocadas para ações contra manifestações racistas nos estádios de futebol. Na sexta-feira passada, por exemplo, uma audiência pública na Alerj reuniu torcedores, ex-jogadores, o defensor público Francisco Horta e o deputado estadual Carlos Minc. Desse encontro, saiu a campanha “Cartão vermelho para o racismo”.

Também no Rio de Janeiro, a Secretaria estadual de Assistência Social põe na rua amanhã a iniciativa “Discriminação é gol contra”. Haverá distribuição de material informativo e educativo para combater racismo, homofobia, intolerância religiosa, xenofobia e discriminação de gênero. Uma cartilha ensinará a cidadãos e turistas que há leis vigentes, que proíbem e punem o preconceito. A maior delas é a Constituição Brasileira.

No Brasil, o racismo é crime inafiançável e imprescritível, desde 1989. Mas faltam condenações. É quase impossível punir as ocorrências nos estádios, porque injúria racial é crime de responsabilidade individualizada. Os agressores se escondem na multidão. Como falta empenho de dirigentes e autoridades em identificá-los, inquéritos e processos judiciais não prosperam.

É a prova de que campanhas que apelam à consciência e à boa vontade de torcedores são bem-vindas. Mas a mudança de comportamento só virá quando os agressores sofrerem punições e clubes e entidades, responsabilizados.

Casos de racismo que envegonham

Atos de racismo, infelizmente, não são raros nos estádios de futebol. Mas foi com elegância e bom humor que o lateral-direito Daniel Alves reagiu, em

abril passado, a um deles, quando o Barcelona buscava o gol da virada contra o Villarreal: comeu a banana atirada no gramado por um torcedor.

Apesar da grande repercussão do caso, poucos dias depois, mais um episódio de racismo ocorreu. Desta vez, na Itália. Na derrota do Milan para o Atalanta, em Bérghamo, um torcedor atirou uma banana na direção do zagueiro francês Kevin Constant, do time milanês. O árbitro da partida registrou o episódio na súmula.

Acesse o PDF: [Estrelas se unem contra o racismo](#)

Unaid's e parceiros lançam campanha de prevenção à aids durante a Copa

(ONU Mulheres, 29/05/2014) No emblemático Teatro Castro Alves, o Programa Conjunto das Nações Unidas para o HIV/AIDS (UNAIDS)—em parceria com o Fundo de Populações das Nações Unidas (UNFPA), o Governo da Bahia, a Prefeitura de Salvador e o Ministério da Saúde—lançará no dia 9 de junho a campanha Proteja o Gol, utilizando o poder de união do futebol para mobilizar os jovens na prevenção à AIDS.

Artistas, autoridades nacionais e globais, ativistas e famosos unirão suas vozes em apoio à campanha em uma solenidade que será conduzida pelo Diretor Executivo do UNAIDS e Secretário-Geral Adjunto das Nações Unidas, Michel Sidibé, e pelo Ministro da Saúde, Arthur Chioro—tendo como anfitriões o Governador do Estado da Bahia, Jaques Wagner, e o Prefeito da

cidade de Salvador, Antônio Carlos Magalhães Neto.

O evento também contará com a participação de Kweku e Ndaba Mandela, netos do líder sul-africano e prêmio Nobel da Paz Nelson Mandela, porta-vozes da campanha. A celebração contará com um show de Mari Antunes e Babado Novo, e participação da Escola Olodum.



Secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, assina bola símbolo da campanha ao lado do diretor executivo do UNAIDS, Michel Sidibé

A campanha conta ainda com o apoio de celebridades do futebol como o jogador da seleção brasileira David Luiz; o ex-capitão da seleção alemã Michael Ballack; e o atacante Gervinho, da Costa do Marfim.

Continentes na luta contra a AIDS - Para simbolizar a união de dois continentes, uma bola da campanha partiu da África do Sul—país que sediou a Copa do Mundo da FIFA de 2010—rumo a todos os países africanos classificados para a Copa do Brasil. A turnê iniciou-se em março, quando o Presidente Jacob Zuma, da África do Sul, assinou a bola-símbolo da campanha no Estádio de Soccer City em Soweto, Joanesburgo, durante o amistoso entre o Brasil e a África do Sul. A bola foi então assinada pelos Chefes de Estado da Argélia, Camarões, Costa do Marfim, Gana e Nigéria.

A campanha mobilizou lideranças em países como Argentina, Equador, Guatemala, Honduras, Irã, Malásia, Mianmar e Uruguai, entre outros. O Secretário-Geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, assinou a bola Proteja o

Gol durante a reunião do Conselho de Diretores Executivos das Nações Unidas.

Proteja o Gol - A campanha Proteja o Gol é liderada pelo UNAIDS e visa mobilizar os jovens e os fãs de futebol na resposta à AIDS. A campanha promove a visão de zero nova infecção por HIV, zero discriminação e zero morte relacionada à AIDS.

Com a parceria fundamental dos governos estaduais e das municipalidades, a campanha irá distribuir mais de 2 milhões de preservativos e 2 milhões de folhetos informativos nas 12 cidades-sede da Copa, além de disponibilizar testes rápidos gratuitos nos Fan Fests. Além das cidades-sede, também aderiram à campanha Aracaju, Porto Seguro, Ribeirão Preto e Santos, entre outras. As escolas do estado da Bahia também participam.

A Proteja o Gol é fruto de uma parceria entre o UNAIDS, UNFPA, o Ministério da Saúde, a Secretaria de Políticas para Mulheres da Presidência da República, o Ministério da Saúde, o Governo da Bahia e a Prefeitura de Salvador. A campanha também conta com o apoio da Embaixada da França, da Fundação AmfAR, da Editora Abril, da Universidade UNIJORGE, da Escola Paulista de Propaganda e Marketing (ESPM) e da Escola Olodum.

Acesse o site de origem: [Unaid e parceiros lançam campanha de prevenção à aids durante a Copa](#)

Verme é ligado a crescimento da

Aids

(Folha de S.Paulo, 27/05/2014) Em todo o mundo, uma ampla maioria das vítimas da Aids é de homens. Mas a África há muito tempo tem sido a gritante exceção: quase 60% são mulheres. E, embora haja muitas teorias para isso, ninguém conseguiu provar nenhuma.

Numa clínica nesta zona rural da Província de KwaZulu/Natal, na África do Sul, infectologistas noruegueses acreditam ter encontrado uma nova explicação. Se for correta, uma solução de baixo custo pode prevenir milhares de contaminações por ano.

A equipe acredita que as africanas sejam mais vulneráveis ao HIV devido a uma doença parasitária crônica e não diagnosticada: a esquistossomose genital.

A doença é provocada por vermes parasitas que habitam rios infestados. Ela se caracteriza por feridas no canal vaginal, as quais podem facilitar a entrada do HIV, o vírus que provoca a Aids.

A médica Eyrun Kjetland, que lidera a equipe, diz que a doença é mais comum do que a sífilis ou o herpes, que também podem abrir caminho para o HIV.

Além disso, os ovos e vermes nas feridas atraem células CD4, o tipo atacado pelo vírus da Aids.

Os vermes podem ser eliminados com uma droga que custa US\$ 0,08 (R\$ 0,18) por comprimido. A equipe de Kjetland tenta determinar se o medicamento irá curar as feridas em mulheres jovens.

Alguns especialistas em Aids questionam a teoria da esquistossomose, observando que mulheres criadas longe de águas infestadas também morrem de Aids.

Mas os defensores da teoria argumentam que, há 20 anos, muitos eram céticos em relação à ideia de que a circuncisão protegia os homens contra o HIV. Até que em 2006 testes clínicos provaram que a tese estava correta.

A esquistossomose “é, possivelmente, o cofator mais importante na epidemia de Aids na África”, disse Peter Hotez, da Escola Nacional de Medicina Tropical, ligada à Faculdade de Medicina Baylor, em Houston (Texas). “E é uma questão da saúde feminina.”

Líderes das duas agências que financiam a luta global contra a Aids querem mais provas antes de mudarem suas campanhas atuais, voltadas para preservativos, medicamentos e circuncisão.

“Precisamos rastrear todas essas coisas e ver o que é uma causa e o que é apenas ter outra doença ao mesmo tempo, como câncer do colo do útero”, disse Mark Dybul, do Fundo Global de Combate à Aids, Tuberculose e Malária.

O médico Eric Goosby, que foi coordenador do Plano Emergencial do Presidente dos EUA para o Alívio à Aids (Pepfar, na sigla em inglês), concorda que feridas vaginais podem contribuir para a entrada do vírus.

Mas disse que “muitas mulheres que têm o HIV não têm esquistossomose, e vice-versa”.

Estima-se que 200 milhões de africanos já tiveram esquistossomose. Embora raramente seja fatal, em crianças o sangramento pode levar a anemia, atrofia e problemas de aprendizagem.

A doença é causada por minúsculos vermes que emergem com cabeças pontiagudas, capazes de penetrar na pele de pessoas que apanham água ou lavam roupas.

Uma vez dentro do organismo, os vermes se acasalam. Muitos se aninham no trato urinário -urina com sangue é o sintoma clássico-, mas alguns vão parar na vagina, criando “retalhos arenosos” de tecido danificado e ovos calcificados dos vermes.

Estudos já mostraram que mulheres com esses “retalhos” têm o triplo de probabilidade de serem contaminadas do que as demais.

Salim Abdool Karim, pesquisador sul-africano da Aids, está cético. Sua

equipe acompanha mais de mil mulheres numa área a 65 km de Otimati, com incidência de HIV igualmente elevada.

“Estudamos detalhadamente os tratos genitais há 20 anos, fotografando-os sequencialmente”, disse ele, “e não vemos retalhos arenosos”. Ao ouvir isso, Kjetland disse que “eles não estão procurando nos lugares certos”.

Lutar contra a esquistossomose na África exigiria um amplo esforço para a distribuição de comprimidos. De acordo com Peter Hotez, a doença poderia ser erradicada a um custo de US\$ 22,4 milhões (R\$ 49,5 milhões) por ano.

Em “A solução de US\$ 0,32 para o HIV”, ele defende a entrega de quatro comprimidos de vermífugo para 70 milhões de crianças todos os anos. O valor é bem menor que a estimativa de US\$ 38 bilhões (R\$ 84 bilhões) em gastos da Pefar neste ano.

Acesse o PDF: [Verme é ligado a crescimento da Aids](#)

As prostitutas da Copa e as de sempre, por Laura Capriglione

(Yahoo Notícias, 20/05/2014) Epa lá, meu senhor e minha senhora! Tudo bem, a Fifa é uma coisa horrorosa e coisa e tal; a gente não compraria nem um carro usado do Joseph Blatter e, francamente, dá medo só de olhar para o rosto esticado do José Maria Marin (o presidente da CBF). Mas a má vontade com esses dois aí de cima não deve chegar ao ponto de obscurecer a razão e a gente colocar todo o imenso catálogo de problemas sociais brasileiros na conta da cartolagem futebolística.

E é este o ponto. A poucos dias da abertura do megaevento esportivo, as seleções ainda não chegaram, os jogos ainda não começaram e os protestos estão a dever em sensação –a gente já viu muita lixeira queimada; deu!

Então, a moda é falar de prostituição. Contam-se milhares de entradas no Google falando sobre a prostituição associada à Copa. Como esta, do jornal “Tribuna do Ceará”, que veio com o título: “Às vésperas da Copa, Fortaleza fecha os olhos para prostituição ao lado do Castelão”.

Haja hipocrisia! Não é de agora que a prostituição grassa em Fortaleza e nas praias ao redor. Até as agulhas das rendeiras do Mercado Central de Fortaleza sabem que muitos taxistas da capital cearense andam com álbuns de fotos de mulheres em trajes sumários para oferecer aos turistas que chegam pelo aeroporto internacional Pinto Martins.

Pela avenida Beira-Mar inteira, basta o carro reduzir a velocidade para as marafonas aproximarem-se oferecendo seus serviços. E isso à luz do dia! Então, cadê a novidade?

Mas as “notícias” ficam ainda mais quentes quando relatam a exploração sexual de crianças e adolescentes. O jornal inglês “The Guardian” mancheteou: “Tráfico sexual infantil no Brasil cresce em 2014, enquanto a Copa do Mundo se aproxima”.

E o sensacionalista “Daily Mirror”, também inglês, veio até com “grupos mafiosos internacionais”, planejando o lançamento de uma onda de prostituição infantil organizada em torno dos estádios.

Para que sejamos honestos, é preciso em primeiro lugar, distinguir as coisas que são diferentes. Prostituir-se no Brasil não é ilegal. Se uma mulher pobre preferir prostituir-se a fazer uma faxina, é direito dela. Ilegal é o rufianismo, a cafetinagem, a exploração do meretrício; fazer da prostituição um negócio.

Tudo isso, é claro, é muito diferente da exploração sexual de meninas e meninos, que se constitui em crime hediondo, assim como a extorsão mediante sequestro, o latrocínio e o estupro, entre outros.

Assim, é muito interessante ver como os jornais sensacionalistas adoram

confundir mulheres feitas com meninas, e prostituição com exploração sexual de crianças. Tratam como iguais situações em tudo diferentes e que, logicamente, exigem políticas públicas completamente distintas. Não ajudam.

A exploração sexual de crianças e adolescentes tem de ser combatida a ferro e fogo. Sem transigir. Com a prostituição é diferente. Se a moça acha que a vida dela melhora sendo prostituta, quem somos nós para jogar a primeira pedra?

Agora, se formos contra a realização da Copa do Mundo por este motivo –ela atrairia e promoveria a prostituição e a exploração de crianças— teríamos de nos opor também ao Carnaval, ao Rodeio de Barretos, à realização da etapa brasileira da Fórmula 1, em São Paulo, e a todo evento turístico de maneira geral.

Deveríamos desconfiar até da visita do papa. Porque são todas elas atividades que atraem gente com alguma moeda sonante no bolso e grande disposição para comprar diversão (lícita e ilícita), além de diárias em hotéis, comida em restaurantes, lembrancinhas para a família etc. etc.

Nos Estados Unidos, o faturamento do turismo alcança os píncaros de U\$ 128,6 bilhões por ano (é o recorde mundial). Na Espanha, a indústria do turismo gera U\$ 55,9 bi. O Brasil ainda engatinha, na 39ª posição dos destinos mais procurados. Os turistas estrangeiros deixam aqui meros U\$ 6,6 bi.

Na Copa da África do Sul, em 2010, cerca de 40.000 prostitutas provenientes de todo o continente africano disputaram uma clientela formada por 450.000 mil torcedores de todo o mundo (estima-se que, no Brasil, o número de torcedores internacionais bata na casa dos 600.000).

Eu conversei com Francine Dobb, então com 28 anos, que fazia ponto dentro do bar do hotel 3 estrelas localizado no distrito de Sandton, centro financeiro de Joannesburgo.

Francine viajou do Congo para a maior cidade da África do Sul. Largou com a mãe dela os dois filhos em uma vila vizinha da fronteira com Ruanda –o país que em dez dias de 1994, presenciou o genocídio de 800.000 pessoas.

Com uma tragédia vivida tão de perto, a moça negra, ainda assim, temia a violência de África do Sul, campeã mundial em estupros e em pessoas contaminadas com o vírus da Aids. “Já escapei de muita coisa para querer, agora, sofrer com isso”, disse, pragmática.

É isso mesmo. Apesar de algumas vocações inatas, a indústria da prostituição origina-se fundamentalmente da necessidade extrema, andando de mãos dadas com a falta de oportunidades. E isso só se combate com desenvolvimento econômico, educação e distribuição de renda.

Aqui também há milhares de Francines, que viajarão quilômetros e quilômetros até uma das sedes da Copa para fazer uma renda extra, prostituindo-se.

Banir a Copa do Mundo do Brasil, fora os moralismos de ocasião, não encherá barriga de ninguém, não dará mais dignidade a essas mulheres. Apenas as deixará mais pobres.

Também servirá para provar nossa incapacidade de criar uma verdadeira indústria do turismo neste país imenso e lindo.

PS: se você vir uma criança ou adolescente sendo abusado ou explorado sexualmente, disque 100, o Disque Denúncia Nacional de Abuso e Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes. Vale para a Copa e para sempre.

Acesse o site de origem: [As prostitutas da Copa e as de sempre, por Laura Capriglione](#)

Ministro da Saúde mostra a experiência do Brasil no combate à transmissão vertical do HIV/aids, em Genebra

(Agência AIDS, 19/05/2014) Em Genebra para participar da Assembleia Mundial da Saúde, o ministro Arthur Chioro apresentou um painel no encontro da Unitaids, organização internacional que tem como objetivo aumentar o acesso da população aos medicamentos para HIV/aids, tuberculose e malária. Ele falou da experiência brasileira no combate ao HIV/aids em crianças. “No Brasil, temos observado uma importante queda da transmissão vertical nos últimos anos. Em dez anos, houve uma redução de 56% dos casos de aids em menores de 5 anos. De 1.083 casos, em 2002, para 485 em 2012”, disse.

Nesse domingo (18), o ministro da Saúde se reuniu com a diretora-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Margaret Chan, antes da abertura da Assembleia Mundial da Saúde, iniciada nessa segunda-feira (19). No encontro, que visou fortalecer a parceria entre a OMS e o Brasil, Chioro agradeceu o apoio da Organização ao Programa Mais Médicos, por meio da Organização Panamericana da Saúde (OPAS).

“Graças à parceria com a OMS, conseguimos fixar 14 mil médicos em regiões que não contavam com a atenção básica e, hoje, 49 milhões de brasileiros passaram a ter acesso à assistência médica”, disse o ministro à diretora da OMS.

Chioro também reafirmou o compromisso do Brasil com as ações voluntárias da OMS e se colocou à disposição para contribuir com questões já superadas graças às políticas de saúde adotadas pelo Brasil.

“Temos uma importante experiência na erradicação da poliomielite e podemos ajudar na luta contra essa doença no mundo”, afirmou.

Margaret Chan destacou a importância do Brasil e dos demais países do

grupo conhecido como BRICS, que reúne, além do Brasil, a Rússia, a Índia, a China e a África do Sul. “Os Brics ainda vão mudar muita coisa na saúde do mundo” enfatizou Chan. Ela também fez elogios às parcerias firmadas entre Brasil e OMS e assegurou que o país pode continuar contando com o apoio da Organização.

Fonte: Departamento de DST/Aids e Hepatites Virais

Acesse o site de origem: [Ministro da Saúde mostra a experiência do Brasil no combate à transmissão vertical do HIV/aids, em Genebra](#)